

A violência na bíblia

Por: Maria Clara Bingemer

Embora tenha como textos-chave de sua proposta e sua ética exortações claras e sem ambigüidade à não violência, o confronto da Revelação cristã com a violência não é tão simples nem isento de ambigüidades.

Abstraindo do fato de que mesmo no próprio Evangelho é possível encontrar, ao lado de textos não violentos, outros onde Jesus mesmo aparece tomando atitudes que poderiam ser classificadas de "violentas" ou pelo menos "agressivas", a questão se torna ainda mais intrigante e instigante quando se trata do Antigo Testamento.

Este é certamente um dos livros mais banhados de sangue da literatura mundial. E o NT, por sua vez, está centrado sobre um evento cruento, uma ação de sangue: a morte de Jesus, último ato de violência "necessário" para estabelecer a paz e a reconciliação.

Na parte da Bíblia que denominamos Antigo Testamento, portanto, é que se encontram - a nosso ver - os maiores obstáculos que podem intrigar-nos e instigar-nos, pois, cruamente, ela nos mostra que a questão da violência está intimamente envolvida com a questão de Deus. No entanto, é anti-epistemológico e sobretudo anti-teológico procurar fazer uma reflexão sobre a violência na Bíblia separando os dois Testamentos.

É dado de tranqüila aquisição em teologia - sendo questão explícita da Teologia Fundamental, área da Teologia que estuda a Revelação e a Fé - que o próprio Novo Testamento e, dentro dele, o Evangelho de Jesus, remetem incessantemente ao Antigo Testamento, não permitindo dele prescindir em qualquer reflexão honesta e verdadeira que se pretenda fazer sobre a relação entre Cristianismo e violência.

Há que tomar, portanto, qualquer reflexão que se baseie sobre o texto das Escrituras cristãs como um todo, onde Antigo e Novo Testamento não se separam, mas pelo contrário, interagem dialética e fecundamente. O caso da violência na Bíblia não é uma exceção a esta regra.

A violência que até hoje nos escandaliza e interpela, a Bíblia não a camufla, mas a expõe. Para atingir o objetivo de revelar em suas páginas um Deus de aliança e de paz, a Bíblia não hesita em colocar esse Deus em perigosa proximidade com todo tipo de violência. Assim fazendo, demonstra que a aliança e a paz têm seu preço e não podem ser considerados como algo facilmente fruído ou suavemente obtido.

A Bíblia revela também que o conteúdo de suas páginas não é simplesmente uma história edificante e piedosa, mas algo real e inspirado. O Cristianismo não é uma mensagem piedosa, mas uma experiência de salvação, que pretende integrar toda a realidade humana, até mesmo em suas dimensões mais negativas de violência, sofrimento e morte.

É inegável que a Bíblia se utiliza de uma linguagem de poder e de violência para falar de Deus e de sua ação no mundo. Não são poucos os textos onde Deus é descrito como uma grandeza de poder, de força, capaz de aniquilar pessoas, povos, cidades e impérios. Aparecem cenas de deportação, de destruição, de morte com desprezo e execração públicos. Na maioria das vezes, tais textos têm a função de sublinhar e reforçar o poderio de Deus no mundo, mostrar o vigor e a força determinada desse Deus, que opta por gente pobre, oprimida, explorada, utilizando uma linguagem violenta quase como que uma compensação para a fraqueza antropológica e histórica das pessoas que nele depositam sua fé e sua confiança.

As próprias denominações dadas a Deus reforçam essa perspectiva. Não é infreqüente perceber, sobretudo no Antigo Testamento, o Deus de Israel sendo chamado de Forte Guerreiro, Senhor dos Exércitos, etc. O escritor sagrado deixa correr de sua escrita, neste sentido, uma experiência de Deus que está no coração da vida do povo e que expressa com verdade o que este mesmo povo experimenta e sente quando se trata de dirigir-se a, invocar e/ou referir-se a seu Deus.

Certamente, dentre as muitas experiências profundamente humanas que a Bíblia seleciona para dizer a identidade do Deus de sua fé, está também a constatação da violência humana. E cremos não exagerar nem hipertrofiar as afirmações que aqui fazemos ao dizer que esta se encontra entre as experiências que mais impressionam os autores bíblicos. Ou seja, o fato de os homens se atacarem e se matarem. O fato de os seres humanos se perceberem como criaturas amadas do Deus da vida e ao mesmo tempo capazes de infligir a morte aos seus semelhantes. Ao lado disto, está igualmente a experiência profunda e vital de um Deus que liberta, que faz um pacto e tem um projeto de vida e de paz, mas ao mesmo tempo castiga, se vinga, se encoleriza, é guerreiro, e não hesita em dialogar com o povo sobre a violência, dando inclusive a impressão de que não poucas vezes a aprova, a legitima e a confirma. Esta percepção não deixa de marcar profundamente a experiência e a espiritualidade do povo da Bíblia, obrigando-o a levantar questões que em muito se assemelham às nossas de hoje:

- Se Deus aparece ligado à violência e se, por outro lado, é conteúdo inegável da fé bíblica o fato de que Ele só pode querer o bem, deve-se concluir que a violência é boa e positiva?
- Como compaginar, por outro lado, a revelação de um Deus de toda misericórdia, que perpassa as páginas da Bíblia, no Antigo e no Novo Testamentos, com essa imagem de um Deus que usa da violência para mostrar o seu poder? Em que Deus cremos, afinal? De que Deus somos crentes e de que Deus somos ateus?
- Numa época em que a questão da violência se coloca para toda a humanidade e em que diversos setores da sociedade e da Igreja buscam soluções não violentas para o drama da violência, coloca-se para o cristão que baseia sua fé sobre a revelação bíblica o seguinte dilema: Como ser não violento e crer num Deus violento? Há que fazer uma escolha necessariamente empobrecedora, qual seja, escolher ou a imagem do Deus bíblico ou o ideal da não violência? Ou ainda, há que escolher entre o Deus do Antigo Testamento, que se envolve em práticas de violência e o Deus de Jesus, que se revela como amor redentor na impotência da cruz?